

Centro de Arqueologia

Indiana Jones à portuguesa

Estão na UBI desde o seu começo. A equipa de arqueólogos que compõe o Centro de Estudos e Protecção do Património (CEPP) deu início ao Museu de Lanifícios, à Reitoria e a um vasto número de imóveis.

Eduardo Alves

Steven Spielberg perdeu dois grandes assessores para o filme "Indiana Jones". Michael Josef Mathias e Martin Höck são dois docentes do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura, responsáveis pelo CEPP. Para além da Alemanha, como pátria-mãe, os dois docentes têm também em comum o gosto pela arqueologia e preservação do património.

No gabinete onde funciona o centro de estudos não está pendurado nenhum chapéu abaulado, nem um chicote de pele, muito menos, pontuam pelas mesas relíquias e artefactos achados em vários pontos do planeta e cujo resgate podia resultar no guião de um filme. A imagem criada por Steven Spielberg, "nada tem a ver com o verdadeiro arqueólogo", explica Michael Mathias.

A chegada a Portugal coincide com os primeiros passos da UBI. Na Covilhã é imperativa a criação de "um organismo que conseguisse preservar todo o espólio existente nas instalações da Universidade". Surge assim o



Martin Höck e Michael Mathias são os dois responsáveis pelo CEPP

Centro de Estudos e Protecção do Património (CEPP).

Um dos primeiros trabalhos deste centro, constituído pelos dois professores germânicos, "foi a recuperação do Museu de Lanifícios". As actuais instalações, junto à parada, foram recuperadas "após um processo de estudo e levantamento do espólio ali existente". Para além de estarem integrados no Departamento de Engenharia Civil, onde leccionam algumas cadeiras, estes docentes levam a cabo vários estudos e escavações, um pouco por todo o País.

Preservar a história de um povo

Desde as gravuras do Côa, passando por algumas quintas de família Ramos Pinto, ligada ao vinho do Porto e terminando em escavações nas ilhas de Cabo Verde, estes Indiana Jones à portuguesa já fizeram de tudo um pouco. Os mapas de várias localidades e os muitos livros de história dão corpo ao Centro de Protecção. Michael Mathias explica que "tudo começa pelo estudo e pelo licenciamento das escavações ou projectos". Gasta muitas horas de busca e pesquisa "feitas em bibliotecas e outros institutos", os explo-

radadores avançam para o terreno. As aventuras cinematográficas são trocadas "pelo sorriso das pessoas", sublinha o docente. Pelas palavras dos responsáveis do CEPP percebe-se que "o verdadeiro tesouro é a devolução de um monumento, de uma fonte, de uma casa ou peça à sua população". A história do povo e toda a sua cultura "deram forma a tudo o que exploramos". Michael Matias diz que gosta de recuperar os edifícios para os devolver ao povo que os construiu. Para este docente "quando um edifício está esquecido ou é apenas ruínas, não lhe é dado o verdadeiro valor". Só depois de estar restaurado "é que as pessoas compreendem a importância dos imóveis ou dos achados", acrescenta.

Vai longa a lista de trabalhos realizados pelo CEPP, desde a capela de São Martinho, da Reitoria, dos vários pólos do Museu de Lanifícios e outras explorações como o Centro rupestre do Vale do Côa ou a recuperação do castro de Castelo Melhor são muitos os trabalhos destes dois arqueólogos.

Covilhã tem papel central

As aventuras parecem não ter fim no grande écran. Também no gabinete do CEPP, os mapas, pergaminhos, livros e manuscritos deixam sinais que vão conduzir a novos achados. Todo um trabalho que leva tempo "e burocracia". Contudo, Matias refere que "é essencial dar conhecimento de todos os trabalhos arqueológicos". O docente refere que "é mais vantajoso e económico dar conhecimento às entidades competentes (IPA ou IPPAR) da realização de uma obra, do que sonegar essa informação e depois a empreitada ser embargada".

Este responsável pelo CEPP chega mesmo a sublinhar o papel central que a Covilhã ocupa. Para Michael Matias, "a cidade está num ponto central". Com a delegação do IPPAR aqui, "os técnicos já não demoram, com a desculpa de terem de vir de Coimbra ou de Lisboa". Uma localização que ganha ainda mais destaque "pela grande quantidade e qualidade de espólio existente nesta região".

Segunda fase de acesso

Cerca de duzentos novos caloiros na UBI

Das 381 vagas que a Universidade da Beira Interior (UBI) dispunha para a segunda fase do concurso nacional de acesso ficaram preenchidas 193. Engenharias, físicas e matemáticas continuam a não ter alunos.

Eduardo Alves

Os alunos colocados na segunda fase já estão em aulas. Cerca de duzentos novos estudantes ingressaram na UBI através do concurso nacional. Ao todo estavam abertas 381 vagas distribuídas por 31 licenciaturas. Lugares que ficaram por preencher na primeira fase de acesso, em Setembro passado.

Esta segunda volta veio acentuar a pouca procura, por parte dos alunos, dos cursos oferecidos pelas ciências exactas.

De entre os menos procurados, destaque para Química Industrial, onde as 25 vagas disponíveis não foram procuradas por nenhum candidato, o mesmo acontecendo com Matemática Ensino, licenciatura que abriu para esta segunda fase 20 lugares, mas nenhum foi preenchido.

As 11 vagas de Informática Ensino também não conheceram qualquer candidato.

Neste leque dos menos procurados encontram-se também os cursos de Engenharia Civil, que oferecia 44 vagas e recebeu 22

alunos e Engenharia Mecânica, onde foram colocadas à disposição dos candidatos, 17 vagas, das quais apenas três foram ocupadas.

Licenciaturas "ensino" desertas

O cenário de pouca afluência de alunos é registado ao nível dos cursos com variante ensino e física. No caso da licenciatura em Optometria e Optotecnia, associada à Física Aplicada, foram abertas 11 vagas, mas apenas ingressou um aluno, ficando por preencher uma dezena de lugares.

No caso do curso em Língua e Cultura Portuguesa, das 24 vagas postas à disposição de novos alunos, apenas um escolheu este curso. Números que se repetem no Português-Inglês, onde só uma de entre as 21 vagas oferecidas foi preenchida.

Em Português-Espanhol, as sete vagas abertas não conheceram qualquer candidato.

As restantes licenciaturas que abriram vagas foram preenchidas na totalidade ou deixando apenas um ou dois lugares para uma ter-

ceira fase, esta a ser dirigida pela própria Universidade.

No final desta segunda fase, a UBI mantém 188 vagas por preencher, lugares pertencentes, na sua maioria, às ciências exactas e ao ensino, numa tendência que se repete na maioria das instituições de Ensino Superior público.

Politécnicos com igual cenário

O Instituto Politécnico da Guarda (IPG) abriu 371 vagas para esta fase do concurso, deste número ficam preenchidas 162.

Um dos pontos que marcou este concurso, na Guarda prende-se com a fraca procura dos cursos de Gestão. A Escola Superior de Tecnologia e de Gestão (ESTG) abriu 254 vagas, distribuídas pelas suas dez licenciaturas, para esta segunda fase. Apenas 53 alunos concorreram para a ESTG.

Já no Politécnico de Castelo Branco foram ocupados 45 por cento dos lugares disponíveis. Num total de 362 vagas abertas para esta fase do concurso, 160 ficaram ocupadas.

Clube de Debates

Diga de sua justiça

O Quodlibet pretende enraizar na comunidade académica o gosto pelos debates.

Jonh Kerry, o candidato democrata a presidente dos Estados Unidos da América, foi campeão de debates na Universidade de Yale. As capacidades retóricas e de argumentação que desenvolveu ao longo desse período, com toda a certeza que o ajudaram agora na corrida à Casa Branca.

O prazer de debater e confrontar as ideias dos outros com as nossas está bastante enraizado no mundo anglo-saxónico, principalmente nos estabelecimentos de ensino superior. Sem que o objectivo principal seja o de criar um presidente de estado ou políticos em "potência", surge agora na UBI o Quodlibet, "o que você quiser". Um clube de debate que pretende ajudar os alunos, professores e funcionários a saber expor as suas ideias, de forma clara e organizada. Este novo clube, aberto a todos os interessados, reporta para o presente uma tradição universitária que surge na Idade Média. Para além da discussão de ideias e do debate frente-a-frente, este clube tem ainda como objectivo fomentar a correcta defesa dos pontos de vista pessoais, através da utilização de argumentos sólidos, algo que, segundo a organização, "só se consegue mediante o exercício e a prática de debates".



Aprender a falar em público

Importância acrescida

António Fidalgo, presidente da Unidade de Artes e Letras é dos promotores da iniciativa. Do grupo dinamizador da ideia é também composto por Leonor Santos, João Simão e Igor Costa. No entender dos organizadores "saber falar em público e usar argumentos é cada vez mais importante e necessário". Daí que a utilidade e as aprendizagens que se podem tirar dos debates sejam de "valor acrescentado". Por ser um clube informal "está aberto a todas as pessoas". No ano passado houve já alguma actividade do clube, com várias reuniões e um debate entre os departamentos de Comunicação e Artes e de Letras. Os encontros passam a ser realizados todas as quartas-feiras, entre as 18 e as 19 horas, na sala II/07. **E.A.**